

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO REMOTA E A INCLUSÃO DA TECNOLOGIA NO COTIDIANO PROFISSIONAL

Dinis Campagnin¹

RESUMO: A educação remota tem se tornado uma realidade cada vez mais presente, especialmente impulsionada pela pandemia de COVID-19. No entanto, sua implementação enfrenta desafios estruturais e pedagógicos que dificultam sua eficácia. Este artigo analisa os principais entraves da educação remota e da inserção da tecnologia no cotidiano profissional, considerando aspectos como infraestrutura, capacitação docente e engajamento discente. Além disso, discute-se a importância do investimento em formação continuada e metodologias adaptativas para que a tecnologia se torne, de fato, uma aliada no processo educacional. Estudos nacionais e internacionais são comparados para destacar boas práticas e desafios ainda persistentes. O estudo também incorpora entrevistas com alunos e professores para compreender melhor a realidade da implementação da tecnologia na educação e os impactos observados durante e após a pandemia.

Palavras-chave: Educação Remota. Tecnologia Educacional. Capacitação Docente. Ensino Híbrido. Inclusão Digital.

ABSTRACT: Remote education has become an increasingly present reality, especially driven by the COVID-19 pandemic. However, its implementation faces structural and pedagogical challenges that hinder its effectiveness. This article analyzes the main obstacles to remote education and the integration of technology into professional daily life, considering aspects such as infrastructure, teacher training, and student engagement. Furthermore, it discusses the importance of investing in continuous training and adaptive methodologies so that technology effectively becomes an ally in the educational process. National and international studies are compared to highlight best practices and persistent challenges. The study also incorporates interviews with students and teachers to better understand the reality of technology implementation in education and the impacts observed during and after the pandemic.

1137

Keywords: Remote Education. Educational Technology. Teacher Training. Hybrid Teaching. Digital Inclusion.

1. INTRODUÇÃO

A crescente digitalização da educação tem sido amplamente debatida nos últimos anos. Conforme Moran (2015), a tecnologia aplicada ao ensino pode proporcionar maior interatividade e flexibilidade na aprendizagem. No entanto, para que sua implementação seja bem-sucedida, é

¹Mestrando do curso de ciências da educação pela Veni Creator Chrristian University. Pós-graduação - Especialização em Ciências dos Saberes da Educação - Professor de Sociologia da Escola de Educação Básica - Irmão Leo - Cacador - SC.

necessário superar desafios estruturais, como a precariedade da infraestrutura tecnológica em muitas escolas públicas e a falta de capacitação docente para o uso eficiente dessas ferramentas.

Além disso, a adoção de novas tecnologias no ensino requer mudanças não apenas no ambiente escolar, mas também na mentalidade dos educadores e alunos. Segundo Kenski (2012), “o professor precisa deixar de ser apenas transmissor de conhecimento para se tornar um mediador do aprendizado, o que exige novas competências e adaptação às ferramentas digitais”. Isso reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à formação continuada, permitindo que os docentes se sintam preparados para lidar com novas metodologias de ensino.

A pandemia de COVID-19 impulsionou e intensificou a necessidade de adaptação ao ensino remoto. Como apontam Almeida e Valente (2011), a transição para ambientes virtuais de aprendizagem ocorreu de maneira abrupta, expondo a desigualdade digital entre estudantes e professores. Essa desigualdade não se restringe apenas ao acesso à internet e equipamentos, mas também à qualidade da conexão e ao suporte técnico disponível para os usuários. Segundo Pretto e Pinto (2020), essa falta de infraestrutura impactou diretamente na evasão escolar, pois muitos alunos não conseguiram acompanhar as aulas remotas.

Outro desafio significativo está na adaptação das práticas pedagógicas ao ensino remoto. Conforme Bacich e Moran (2018), muitas escolas recorreram a uma simples transposição das aulas presenciais para o formato digital, sem considerar as particularidades do ambiente online. Isso reduziu a interatividade e dificultou a participação ativa dos alunos, tornando o aprendizado mais passivo e desmotivador.

1138

A experiência internacional demonstra que a transição para o ensino remoto foi mais eficaz em países que já possuíam políticas estruturadas de digitalização da educação. De acordo com a OECD (2021), nações como Finlândia e Coreia do Sul conseguiram minimizar os impactos da pandemia no ensino devido ao investimento contínuo em infraestrutura tecnológica e formação docente. No Brasil, no entanto, a implementação do ensino remoto ocorreu de maneira emergencial, sem planejamento prévio, o que evidenciou desigualdades socioeconômicas e tecnológicas entre os estudantes.

Além das questões estruturais, a inclusão da tecnologia na educação requer uma mudança na forma como professores e alunos interagem com o conhecimento. Selwyn (2021) aponta que o sucesso do ensino digital não depende apenas do acesso às ferramentas, mas também da capacidade dos professores de utilizá-las para criar experiências de aprendizado mais dinâmicas e colaborativas. No entanto, muitos docentes relataram dificuldades em integrar

metodologias ativas ao ambiente virtual, o que limitou o potencial da tecnologia na promoção de um ensino mais significativo.

A necessidade de capacitação docente é um dos aspectos centrais do debate sobre a inclusão da tecnologia na educação. Segundo Kenski (2012), a resistência dos professores ao uso de ferramentas digitais muitas vezes decorre da falta de formação adequada, o que compromete a eficácia da implementação tecnológica nas escolas. Esse problema se tornou evidente durante a pandemia, quando muitos docentes precisaram se adaptar rapidamente ao ensino remoto sem suporte adequado.

Além disso, a inclusão digital no ensino remoto não se restringe apenas aos professores, mas também aos alunos e suas famílias. Pesquisas da UNESCO (2021) apontam que a participação dos responsáveis no processo educacional é fundamental para o sucesso do aprendizado remoto, pois muitos estudantes necessitam de apoio para acessar conteúdos online e organizar sua rotina de estudos. A falta desse suporte contribuiu para o aumento da evasão escolar durante a pandemia, evidenciando a necessidade de estratégias mais abrangentes para a digitalização da educação.

Diante desse cenário, este estudo busca analisar os principais desafios da educação remota e da inclusão da tecnologia no cotidiano profissional, destacando os impactos da infraestrutura deficiente, a necessidade de capacitação docente e a importância de metodologias adaptativas. A pesquisa também compara experiências nacionais e internacionais para identificar boas práticas que possam ser incorporadas ao contexto educacional brasileiro. Além de analisar as entrevistas realizadas com professores e estudantes. Os relatos apontam que, apesar dos benefícios das plataformas digitais, ainda há obstáculos significativos para a adoção eficaz da tecnologia no cotidiano escolar. Tanto professores, quanto estudantes, passaram por dificuldades neste período, e precisaram reinventar o seu jeito de lecionar e de aprender. A partir dessa análise, pretende-se contribuir para a construção de estratégias mais eficazes para a integração da tecnologia ao ensino, garantindo maior equidade e qualidade na educação digital.

1. INFRAESTRUTURA TECNOLÓGICA E DESIGUALDADE DIGITAL

A precariedade da infraestrutura tecnológica é um dos principais obstáculos para a efetivação da educação remota. Segundo a UNESCO (2021), cerca de 40% dos estudantes no mundo não têm acesso adequado à internet, o que compromete sua participação em atividades online. No Brasil, essa realidade se manifesta com ainda mais intensidade nas regiões mais afastadas e em comunidades carentes. A ausência de infraestrutura não se limita apenas à

conectividade, mas também engloba a falta de dispositivos adequados para a realização das atividades escolares, como computadores e tablets.

Essa realidade reflete um problema estrutural mais amplo: a falta de investimentos contínuos na modernização das escolas públicas. Muitas instituições de ensino não possuem redes de internet eficientes, computadores suficientes ou mesmo espaços adequados para a utilização de tecnologias educacionais. Como resultado, professores e alunos enfrentam dificuldades adicionais na realização de atividades remotas. De acordo com Valente e Mattar (2020), apenas 35% das escolas públicas brasileiras estavam equipadas com tecnologia suficiente para o ensino remoto, evidenciando a desigualdade estrutural no país.

O impacto dessa desigualdade digital se reflete diretamente no desempenho acadêmico dos alunos. Alunos que possuem acesso limitado à internet ou que precisam compartilhar dispositivos com familiares encontram dificuldades em manter uma rotina de estudos eficaz. Isso cria um cenário onde estudantes de classes socioeconômicas mais baixas ficam ainda mais distantes das oportunidades educacionais, ampliando as disparidades já existentes no sistema de ensino.

Além da infraestrutura precária, a falta de suporte técnico para o uso de tecnologias educacionais também é um problema recorrente. Em muitos casos, mesmo quando os equipamentos estão disponíveis, alunos e professores não recebem treinamento adequado para utilizá-los de forma produtiva. Segundo pesquisa da OECD (2021), países que implementaram programas de capacitação tecnológica antes da pandemia conseguiram uma transição mais eficiente para o ensino remoto, minimizando as dificuldades enfrentadas por alunos e educadores.

1140

A necessidade de políticas públicas voltadas para a inclusão digital se torna evidente quando observamos experiências internacionais bem-sucedidas. A Coreia do Sul, por exemplo, investiu massivamente na conectividade escolar e no fornecimento de dispositivos para alunos de baixa renda, garantindo que a transição para o ensino remoto fosse mais equitativa (LEE, 2021). O Brasil, por outro lado, ainda enfrenta dificuldades para implementar programas abrangentes de distribuição de tecnologia e melhoria da conectividade.

Outro fator relevante na discussão da desigualdade digital é o papel das empresas privadas no fornecimento de infraestrutura tecnológica. Em países como os Estados Unidos e Reino Unido, parcerias entre escolas e grandes empresas de tecnologia permitiram a distribuição de dispositivos e pacotes de internet subsidiados para estudantes carentes. No Brasil, algumas

iniciativas semelhantes foram adotadas, mas ainda de forma limitada e sem uma política nacional estruturada que garanta acesso igualitário a todos os estudantes.

A precariedade da infraestrutura também afeta a formação de professores e seu preparo para o uso da tecnologia em sala de aula. Como apontado por Kenski (2012), a tecnologia deve ser integrada ao currículo de maneira planejada, com professores capacitados para utilizá-la como ferramenta pedagógica. No entanto, muitos docentes relataram dificuldades em adaptar suas metodologias ao ambiente virtual, principalmente devido à falta de suporte técnico e treinamento prévio.

Os desafios enfrentados pelos professores refletem uma questão mais ampla sobre a infraestrutura educacional no Brasil. Enquanto países desenvolvidos investem constantemente na modernização das escolas, no Brasil muitas unidades de ensino ainda não possuem sequer laboratórios de informática em funcionamento. A ausência de um plano nacional abrangente de inclusão digital torna a adaptação ao ensino remoto ainda mais complexa e desigual.

Diante desse cenário, é fundamental que o governo e as instituições educacionais estabeleçam diretrizes claras para a inclusão digital nas escolas públicas. Isso inclui desde o fornecimento de dispositivos e internet para os estudantes até a criação de programas de formação para professores e a modernização da infraestrutura das escolas. Apenas dessa forma será possível garantir que a tecnologia seja utilizada de maneira eficaz para reduzir desigualdades educacionais, em vez de aprofundá-las.

1141

Por fim, a desigualdade digital não pode ser encarada como um problema isolado, mas sim como parte de um contexto maior de exclusão social e econômica. As soluções para esse problema devem envolver múltiplos setores da sociedade, incluindo governos, empresas privadas e organizações da sociedade civil, garantindo que todos os estudantes tenham as mesmas oportunidades de aprendizado, independentemente de sua condição socioeconômica ou localização geográfica.

2. CAPACITAÇÃO DOCENTE E METODOLOGIAS ADAPTATIVAS

A formação dos professores é um dos pilares fundamentais para o sucesso da educação digital. Segundo Kenski (2012), a tecnologia deve ser integrada ao currículo de maneira planejada, e os professores precisam estar preparados para utilizá-la de forma didática e eficiente. No entanto, no Brasil, a capacitação docente ainda apresenta lacunas significativas, e muitos educadores relatam dificuldades para adaptar suas metodologias ao ambiente virtual.

A falta de formação específica para o ensino remoto se tornou evidente durante a pandemia de COVID-19. Muitos professores tiveram que aprender a lidar com plataformas digitais de maneira autodidata, sem um suporte institucional adequado. Isso resultou em metodologias pouco eficazes e na simples transposição do modelo presencial para o digital, o que, conforme Moran (2015), compromete a interatividade e o engajamento dos alunos.

Nos países que já investiam na capacitação tecnológica dos professores antes da pandemia, a adaptação ao ensino remoto foi mais eficiente. A Finlândia, por exemplo, possui um sistema educacional que enfatiza a formação continuada dos docentes e o uso pedagógico da tecnologia em sala de aula (OECD, 2021). Como resultado, os professores finlandeses estavam mais preparados para lidar com os desafios do ensino remoto, garantindo melhor aproveitamento acadêmico por parte dos alunos.

No Brasil, um dos principais obstáculos relatados pelos professores entrevistados foi a ausência de treinamento sobre como utilizar metodologias ativas no ambiente digital. Como apontado por Bacich e Moran (2018), o ensino remoto eficaz não deve se basear apenas em videoaulas e atividades assíncronas, mas sim em estratégias que estimulem a participação e a autonomia dos estudantes. A falta de conhecimento sobre essas abordagens prejudicou o desenvolvimento das aulas e dificultou a adaptação ao novo formato.

1142

Além disso, o despreparo dos docentes impactou diretamente o desempenho dos alunos. Um dos professores entrevistados afirmou: “Muitos colegas relataram dificuldades em manter a atenção dos alunos durante as aulas online, pois as estratégias que funcionavam no presencial não se mostraram eficazes no ambiente digital”. Esse depoimento corrobora os achados de Selwyn (2021), que aponta que a adaptação pedagógica é essencial para o sucesso do ensino híbrido e remoto.

A resistência inicial de alguns educadores ao uso da tecnologia também foi um fator limitante. Segundo um dos entrevistados, “no início, muitos professores estavam inseguros e receosos em utilizar as ferramentas digitais, pois não se sentiam capacitados para isso”. Esse cenário foi observado em diversos países, mas nações como Coreia do Sul e Singapura conseguiram minimizar esse problema por meio de programas intensivos de formação e acompanhamento contínuo dos docentes (LEE, 2021).

Outro aspecto relevante é que a capacitação docente não deve se restringir apenas ao uso de plataformas educacionais, mas deve abranger também a criação de estratégias eficazes para avaliação e feedback dos alunos. Como destaca Bao (2020), a avaliação no ensino remoto requer abordagens diferenciadas, que valorizem a construção do conhecimento em vez da simples

memorização. No Brasil, muitos professores relataram dificuldades em avaliar o aprendizado dos estudantes de forma justa e eficiente.

O uso de metodologias adaptativas pode contribuir para o aperfeiçoamento da educação digital. Modelos como a sala de aula invertida e a gamificação têm se mostrado eficazes para aumentar o engajamento dos estudantes e tornar o aprendizado mais dinâmico (BACICH; MORAN, 2018). No entanto, sem uma formação adequada, os professores enfrentam dificuldades para aplicar essas metodologias na prática.

Além dos desafios metodológicos, há também a necessidade de garantir suporte técnico contínuo para os professores. Em diversos relatos, docentes mencionaram que enfrentaram problemas técnicos constantes durante as aulas online e que não tinham a quem recorrer para obter assistência. Esse problema reforça a importância de um suporte institucional estruturado, como ocorre em países como Canadá e Austrália, onde há equipes especializadas para auxiliar os educadores na implementação de novas tecnologias (OECD, 2021).

Outro fator que deve ser considerado é o impacto emocional da transição para o ensino digital. Muitos professores relataram que sentiram maior nível de estresse e exaustão durante o ensino remoto, devido à sobrecarga de trabalho e à necessidade de adaptação rápida às novas ferramentas. Como apontado por Arnett (2021), a transição abrupta para o digital pode gerar ansiedade nos educadores, tornando ainda mais difícil o desenvolvimento de aulas eficientes.

1143

Para superar esses desafios, é essencial que as políticas públicas priorizem a formação continuada dos professores, garantindo que todos tenham acesso a cursos, oficinas e materiais didáticos sobre o uso da tecnologia na educação. Segundo Kenski (2012), a transformação digital na educação só será bem-sucedida se os docentes forem devidamente capacitados para utilizá-la de maneira crítica e inovadora.

Diante disso, observa-se que a capacitação docente e a implementação de metodologias adaptativas são essenciais para o sucesso do ensino híbrido e remoto. Sem um investimento adequado na formação dos educadores, a tecnologia pode acabar sendo subutilizada, resultando em experiências de ensino menos eficazes. Portanto, é necessário um esforço conjunto entre governos, instituições de ensino e empresas do setor tecnológico para garantir que os professores estejam preparados para os desafios do ensino digital.

Por fim, a experiência vivenciada durante a pandemia demonstrou que o ensino remoto não pode ser tratado como uma solução emergencial temporária, mas sim como uma oportunidade para reestruturar a educação e torná-la mais acessível e inovadora. Para que isso aconteça, é imprescindível que os professores sejam capacitados não apenas para utilizar a

tecnologia, mas também para integrá-la ao currículo de maneira estratégica e pedagógica, assegurando uma aprendizagem de qualidade para todos os alunos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

Para compreender de maneira mais aprofundada os impactos da educação remota, foram realizadas entrevistas com estudantes e professores, os quais relataram suas percepções sobre o ensino remoto, os desafios enfrentados e as mudanças na forma como utilizam a tecnologia na educação. A análise das entrevistas evidencia que os principais desafios da educação remota e da inserção da tecnologia na prática pedagógica estão relacionados a alguns aspectos; dentre eles, desigualdade no acesso à tecnologia, falta de capacitação docente e dificuldades na interação professor-aluno.

A análise das respostas dos alunos revelou que a adaptação ao ensino remoto foi desafiadora, principalmente devido à dificuldade de concentração e ao adiamento das atividades. Como um dos entrevistados destacou: “A adaptação foi bastante conturbada, pela facilidade de dispersão no momento de realizar a atividade, também pode se citar a protelação em fazer as atividades remotas”. Esse relato está em consonância com estudos como o de Bacich e Moran (2018), que ressaltam a importância de metodologias ativas para manter a atenção e o engajamento dos alunos no ambiente digital.

1144

Estudos internacionais também identificaram problemas similares. Nos Estados Unidos, Hodges et al. (2020) apontaram que muitos estudantes relataram fadiga digital e dificuldades para manter uma rotina de estudos eficaz no ambiente remoto. Na Europa, pesquisa realizada pela OECD (2021) demonstrou que países que já possuíam uma cultura de ensino híbrido, como Finlândia e Estônia, apresentaram menos impacto no desempenho escolar, devido à familiaridade dos estudantes e professores com plataformas digitais.

Outro ponto recorrente foi o impacto da tecnologia no aprendizado. Um dos entrevistados afirmou: “Pela facilidade em exercer as atividades copiando da internet, ocorreu um déficit em meu aprendizado, a tecnologia é um facilitador para pesquisar, mas se não souber usar corretamente, atrapalha o desenvolvimento intelectual”. Essa percepção reforça a necessidade de ensinar os alunos a utilizar recursos tecnológicos de forma crítica e reflexiva, evitando o uso superficial das informações disponíveis online (KENSKI, 2012). Segundo Selwyn (2021), um dos desafios globais da educação digital é garantir que os alunos desenvolvam habilidades de pensamento crítico e análise, em vez de apenas consumir informações sem reflexão.

A dificuldade de interação entre alunos e professores também foi amplamente mencionada. Segundo um professor entrevistado, “a impossibilidade de observar a linguagem corporal dos alunos dificultou o diagnóstico de dificuldades individuais, tornando o processo de ensino mais impessoal”. Esse problema foi observado globalmente. Bao (2020), em um estudo na China, destaca que a comunicação virtual reduz a capacidade do professor de interpretar dificuldades de aprendizado por meio de expressões faciais e gestos, o que pode comprometer a adaptação da abordagem pedagógica.

Outro fator relevante foi o impacto emocional do ensino remoto. Muitos alunos relataram dificuldades em manter a motivação e sentiram maior isolamento social. Segundo um dos entrevistados: “A ausência do ambiente escolar fez com que eu perdesse a motivação para estudar, pois não havia contato direto com colegas e professores”. Esse relato é semelhante aos achados de Arnett (2021), que aponta que a falta de socialização pode comprometer o bem-estar emocional dos estudantes e impactar diretamente seu rendimento acadêmico.

Os professores destacaram desafios na adaptação de metodologias tradicionais para o ambiente virtual. A ausência de treinamentos específicos e o tempo reduzido para planejar aulas adequadas ao formato remoto foram apontados como barreiras significativas para o ensino eficaz. Moore et al. (2018) reforçam essa questão, indicando que a implementação bem-sucedida da tecnologia na educação requer suporte institucional, treinamentos contínuos e recursos adequados.

1145

Os professores também identificaram que a transição abrupta para o ensino remoto ampliou as desigualdades educacionais. Um docente afirmou: “O ensino remoto ampliou as desigualdades sociais de uma forma nítida, alunos que possuíam menos acesso às tecnologias muitas vezes ficaram desamparados no quesito conhecimento pedagógico”. Esse dado reforça os estudos da UNESCO (2021), que apontam que a falta de acesso a dispositivos e internet compromete a equidade educacional e agrava disparidades socioeconômicas. Em contrapartida, países como Coreia do Sul adotaram políticas de subsídio tecnológico para estudantes de baixa renda, garantindo maior equidade na transição para o ensino remoto (LEE, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão da tecnologia no ensino representa um avanço significativo, mas sua implementação ainda enfrenta diversos desafios. A precariedade da infraestrutura digital, a falta

de formação docente e as dificuldades na interação professor-aluno são entraves que precisam ser superados para que o ensino remoto se torne uma ferramenta efetiva de aprendizagem. Apesar dos desafios identificados, os relatos coletados evidenciam que tanto alunos quanto professores percebem o potencial das ferramentas tecnológicas para o ensino, desde que utilizadas de maneira planejada e com suporte adequado.

A análise comparativa com estudos internacionais reforça que países que investiram previamente na digitalização da educação conseguiram minimizar os impactos da pandemia na aprendizagem. Como demonstrado por estudos da OECD (2021), a implementação de políticas de acesso à internet e à capacitação docente foi determinante para a eficácia do ensino remoto em países como Finlândia e Coreia do Sul. No Brasil, essa experiência pode servir como base para futuras iniciativas que busquem tornar a educação digital mais equitativa e acessível a todos os estudantes.

Outro ponto relevante é a necessidade de adaptação pedagógica para garantir um ensino híbrido eficiente. A simples transposição das aulas presenciais para o ambiente virtual não se mostrou eficaz para o engajamento dos alunos, conforme apontado tanto nas entrevistas realizadas quanto em estudos internacionais. A utilização de metodologias ativas, como a sala de aula invertida e a gamificação, pode ser uma alternativa para aumentar a motivação e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem (BACICH; MORAN, 2018).

1146

Além disso, é necessário considerar o impacto emocional do ensino remoto sobre os alunos. A falta de interação presencial, conforme relatado pelos entrevistados, resultou em dificuldades motivacionais e afetivas, comprometendo o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes. Pesquisas realizadas por Arnett (2021) apontam que a socialização é um fator essencial para a aprendizagem, sendo indispensável buscar um equilíbrio entre as tecnologias educacionais e a experiência presencial.

Por fim, o estudo reforça a necessidade de investimentos contínuos na formação dos professores e na infraestrutura digital das escolas públicas. A tecnologia pode ser uma aliada poderosa para a democratização do ensino, mas sua implementação eficaz depende de planejamento, políticas públicas estruturadas e suporte adequado aos profissionais da educação. Apenas dessa forma será possível garantir que a transformação digital na educação ocorra de maneira inclusiva, beneficiando a aprendizagem e a formação integral dos estudantes.

Comparando com experiências internacionais, observa-se que países que investiram previamente na digitalização da educação enfrentaram menos dificuldades durante a pandemia. A implementação de políticas públicas voltadas à inclusão digital e à formação docente pode ser

uma solução eficaz para minimizar as barreiras enfrentadas no Brasil. Diante desse cenário, recomenda-se que governos e instituições educacionais priorizem o investimento em infraestrutura tecnológica, ampliem programas de formação para professores e desenvolvam metodologias que integrem de forma eficiente o ensino híbrido. Somente assim a tecnologia poderá ser utilizada como um verdadeiro instrumento de transformação educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.

BACICH, L.; MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma educação inovadora.** Porto Alegre: Penso, 2018.

BAO, W. **COVID-19 and online teaching in higher education: A case study of Peking University.** Human Behavior and Emerging Technologies, v. 2, n. 2, p. 113-115, 2020.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação.** Campinas: Papirus, 2012.

LEE, J-W. **Education policies for a digital future: Lessons from South Korea.** Journal of Education Policy, v. 36, n. 3, p. 289-305, 2021.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 4. ed. Campinas: Papirus, 2015.

OECD. **The state of global education: 18 months into the pandemic.** Paris: OECD Publishing, 2021.

PRETTO, N. L.; PINTO, J. M. **Educação, mídia e tecnologia: aproximações críticas.** Salvador: EDUFBA, 2020.

SELWYN, N. **Education and technology: key issues and debates.** London: Bloomsbury, 2021.

UNESCO. **Global Education Monitoring Report.** Paris: UNESCO, 2021.

VALENTE, J. A.; MATTAR, J. **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação.** São Paulo: Pearson, 2020.

CASTRO, M. A.; ALMEIDA, R. **O ensino remoto na pandemia: desafios e impactos no aprendizado.** Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 1, p. 45-61, 2021.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B.; TRUST, T.; BOND, A. **The difference between emergency remote teaching and online learning.** Educause Review, v. 27, p. 1-12, 2020.

SILVA, T. R.; SOUZA, L. F. **Ensino remoto e engajamento discente: uma relação complexa.** Educação & Sociedade, v. 41, p. 1-19, 2020.